

## Posicionamento nas Redes Sociais Digitais: Reflexões sobre a Polarização de Opiniões no Facebook<sup>1</sup>

Mariana Gomes da FONTOURA<sup>2</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

### Resumo

O momento de instabilidade política vivido atualmente no Brasil atingiu diversas esferas, culminando em manifestações públicas de grande expressão desde meados de 2013. Nesse contexto, as redes sociais digitais e suas possibilidades de interação e difusão de informações promoveram mudanças na maneira como a sociedade se organiza, se posiciona e interpreta esses acontecimentos. A polarização no Facebook é um dos reflexos da atual crise de representação política e gera indagações que não se esgotam nesse trabalho. A abordagem proposta aqui visa estabelecer conexões entre os conceitos de informação, comunicação, incomunicação, convergência e participação, para oferecer uma possível interpretação do processo complexo de relações sociais e do posicionamento político no ambiente *online*.

**Palavras-chave:** Redes Sociais; Facebook; Polarização; Política; Internet.

### Introdução

O Brasil vive um momento de crise de representação e de mudanças de comportamento não só no campo político, mas também de sua população. Os protestos no ano de 2013 pelas ruas do país, desencadeados, inicialmente, pelo reajuste do valor das passagens de transporte público e a precariedade do sistema como um todo, tomaram proporções e visibilidade tão grandes que foram comparados aos movimentos das Diretas Já, em 1984, e o Fora Collor, em 1992, pelo impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello. A partir dessas mobilizações mais recentes, grande parte da população brasileira adotou uma postura mais reativa – e muitas vezes agressiva - em relação à política, os fatos e seus atores, sobretudo no ambiente virtual,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 5 – Comunicação multimídia do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

<sup>2</sup> Jornalista, mestranda em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), email: marigfontoura@gmail.com

com as manifestações abordando os desdobramentos da Operação Lava-Jato e pelo pedido de impedimento da presidente Dilma Rousseff, desde 2015<sup>3</sup>.

Se nos movimentos das décadas de 1980 e 1990 a mobilização para os atos se dava no espaço público físico, *offline*, face à face, majoritariamente, as passeatas de hoje e, principalmente, os debates políticos, iniciam no ambiente das redes sociais digitais, o espaço público virtual para, depois, acontecerem nas ruas. Os fatos motivadores eram veiculados, antes, nos meios de comunicação tradicionais (rádio, televisão, jornais). Hoje, a ampliação do acesso e a velocidade de circulação das informações na internet, somada à liberdade de expressão inerente à mesma, à cultura de participação e o anseio pelo protagonismo transformaram os meios digitais em uma das principais fontes de informação da sociedade brasileira<sup>4</sup>. Em suma, a web representa um rompimento entre a visão de massa e de indivíduo e da própria maneira como o último se percebe e se relaciona e consome informação nesse universo.

As mídias sociais, nesse contexto, caracterizam uma revolução no modo de informar, comunicar e se relacionar com os outros e com o mundo. As redes sociais digitais, uma parte constituinte dessas mídias, representam uma espécie de extensão do espaço público, onde os discursos e informações são continuamente amplificados, compartilhados e apropriados, por seus atores e suas conexões, conforme Recuero (2009). Tendo em vista esse cenário, surgem, principalmente no Facebook, movimentos que reverberam o sentimento de insatisfação da população e mobilizam seus simpatizantes *on* e *offline*.

As relações entre a crise política brasileira e as mobilizações populares, associadas às possibilidades da comunicação mediada por computador, são os pontos motivadores da discussão proposta pelo presente artigo que destaca, como um produto dessas conexões, a polarização de opiniões sobre política no Facebook. Para conduzir essa reflexão, os conceitos de informação, comunicação e incomunicação, através de uma leitura de Wolton (2011), são vistos inicialmente para, na sequência, abordar algumas características e dinâmicas próprias de redes sociais digitais, com foco no site mencionado anteriormente. Por se tratar do ambiente *online*, é pertinente também a

<sup>3</sup><http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/informacao-politizacao-e-espirito-critico/>. Ver referências.

<sup>4</sup> A Pesquisa Brasileira de Mídia de 2015, apontou que quando os entrevistados foram questionados sobre qual meio de comunicação utilizava mais, “ internet foi apontada por 42% dos brasileiros”, ficando em terceiro lugar (Secom, 2015, p.49).

compreensão das ideias de convergência e cultura participativa, elucidadas pela interação entre atores e suas redes estabelecidas nesse espaço.

Por fim, o fenômeno da polarização é discutido através da relação dos conceitos expostos ao longo do texto e com imagens de reprodução de conteúdo de *fanpages* do Facebook. A análise sugerida nesse tópico oferece uma visão macro, que não objetiva uma análise qualitativa ou quantitativa dos conteúdos ou número de interações, e sim a reflexão e a ilustração da ocorrência dessa polarização nas manifestações dos usuários e nas postagens do site em páginas específicas.

### **Informação, comunicação e incomunicação**

Antes de adentrar as reflexões acerca das características das redes sociais digitais e o uso desses espaços para discussão e exposição de opiniões políticas, é importante esclarecer alguns conceitos diretamente ligados aos conteúdos - que circulam tanto nos meios tradicionais quanto nessas redes - e, sobretudo, às relações estabelecidas nas mídias sociais.

O ato de informar, de produzir e o próprio acesso à informação não equivale ao sentido de comunicar, conforme Wolton (2011). Além da distinção essencial de concepção entre os termos, a expansão e a democratização do acesso à internet provocou uma inversão de significado das noções de informação e de comunicação:

Na tradição política e intelectual, a informação remete à ideia de algo que aparece e produz, em maior ou menor grau, uma ruptura. Isso vale para a imprensa, mas também, em geral, para o restante. A informação tem a ver com o acontecimento ou com o dado novo que perturba uma ordem vigente. Essa é a sua força. A comunicação é associada à ideia de vínculo, de compartilhamento, de “comunhão”. Hoje, [...] há uma inversão de sentido, o que é evidente na internet. A informação passou a ser o que estabelece o vínculo [...]. Ou seja, o sentido oposto ao da informação como ruptura. (WOLTON, 2011, p.26).

A partir dessa visão, é possível entender informação, inicialmente, como a unidade mais simples, e a comunicação como um processo mais denso, cujo objeto intercambiado é a informação. “[...] A informação é a mensagem. A comunicação é a relação, que é muito mais complexa” (WOLTON, 2011, p.12). Mas o crescente aumento dos fluxos de produção e da velocidade de transmissão de mensagens, impulsionados pelos avanços da internet, modificaram essa lógica. No contexto atual de sociedade, atribui-se à informação a ideia de conexão.

Além do propósito de estabelecer vínculos, a comunicação acontece por três razões principais destacadas por Wolton (2011): o compartilhamento, a sedução e a convicção. A primeira remete à necessidade humana fundamental de contato com outro indivíduo. De acordo com o autor, o ato de viver consiste em estabelecer trocas, se relacionar. A segunda porque é um desejo intrínseco às relações humanas e sociais de todos os tipos. E a terceira e última refere-se à argumentação, necessária para que se possa explicar posicionamentos e responder a questionamentos.

Se “a velocidade é o tempo das tecnologias” (WOLTON, 2011, p.57), aqui associadas diretamente à informação, a noção oposta está ligada ao homem e à comunicação. Essa analogia elucida que a evolução dos dispositivos e o aumento da produção e da circulação de informações em rede não contribuem para sanar os desvios e os problemas da comunicação, sobretudo, via *web*. O que acontece com frequência é exatamente o contrário (2011, p.16). O ato de comunicar não se resume apenas ao compartilhamento de dados mas, principalmente, na mediação de pontos de vista, de conviver com as diferenças do outro. Essa reflexão conduz ao conceito da incomunicação proposto por Wolton:

Pode-se, então, dizer que os horizontes da comunicação são o compartilhamento, a convicção, a sedução, a influência, a convivência e a incomunicação. Se os sistemas técnicos estão em sintonia, os homens e as sociedades só raramente o estão. É por isso que o progresso técnico é, ao mesmo tempo, o melhor e o pior da comunicação. Ele possibilitou sair da comunicação fechada e multiplicar as mensagens e os contatos, mas não aumentou a comunicação proporcionalmente à performance das ferramentas. Tornou mais evidentes as marcas da incomunicação (2011, p.23).

A partir do pensamento do autor, entende-se por incomunicação o produto atual das relações entre informação e comunicação, principalmente no ambiente *online*, quando a primeira passa a estabelecer o vínculo no lugar da segunda. O tempo da internet e das tecnologias atropelou a complexidade da comunicação, que ficou reduzida à disseminação ágil de informações - às vezes sem a devida apuração e verificação tanto de quem a produz quanto de quem compartilha - em detrimento ao diálogo e à interpretação.

Para contornar essa incomunicação, o autor indica que a ação de comunicar converte-se, cada vez mais, em uma constante negociação entre as partes envolvidas, em busca da convivência, do respeito à liberdade de opinião e expressão dos indivíduos em uma sociedade democrática cada vez mais conectada e participativa. Em suma, “a

comunicação resulta, na sua forma contemporânea, desta tripla revolução: liberdades humanas, modelos democráticos e progressos tecnológicos” (WOLTON, 2011, p.24).

A compreensão dos conceitos anteriormente expostos é de extrema relevância para a discussão das características, das relações e das possibilidades de comunicação estabelecidas no ambiente das redes sociais digitais, especialmente o Facebook, a ser exposta no tópico seguinte.

### **Espaços de convergência e cultura participativa**

Se as redes sociais digitais são espaços de relações entre atores e suas conexões, essencialmente, outras manifestações também podem ser observadas. No ambiente do Facebook, seus atores promovem a manutenção e ampliação de suas redes *on* e *offline*, e a interação através das ferramentas da plataforma. O ato de publicar algo, por si só, já caracteriza uma interação e o convite para a mesma, conforme visto anteriormente. A gama de conteúdos que podem circular nesse espaço é grande, e nos mais variados formatos digitais possíveis. O conceito de convergência não é completamente novo, mas ficou popular através da obra de Jenkins (2009) e permite uma compreensão da ocorrência da diversificação de formato de conteúdos no site em questão.

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação [...]. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando. (JENKINS, 2009, p.29).

Para além do conteúdo, a convergência também abrange os hábitos de consumo e a migração de públicos (ou atores), e “envolve uma transformação tanto na forma de produzir quando na forma de consumir os meios de comunicação.” (JENKINS, 2009, p.44). Ramonet (2012) propõe a passagem de um sistema *mídia-cêntrico*, para o *eu-cêntrico*, no focado no indivíduo. Este tem o poder de comunicar em diversos formatos de mídias, adaptar e misturar essas produções e dispô-las em rede, visíveis e disponíveis para que os outros possam participar, discutir, contribuir e fazer circular, promovendo uma forma de democratização da informação.

O cenário da convergência, associada às mídias sociais, principalmente as redes digitais, promovem uma visão diferente dos consumidores de informação, e fazem

emergir uma cultura da participação. Ramonet (2012) e ideia de mídia *eu-cêntrica* introduz a figura do *prodsumidor*. “Os utilizadores de redes não são mais somente leitores-ouvintes-telespectadores inertes. Eles escrevem, falam, fotografam, filmam, comentam e analisam”, caracterizando um perfil de produtor-consumidor (ibid., p.24) em uma cultura da participação, descrita também por Jenkins (2009) e Shirky (2011).

A confluência das mídias também é a razão pelas quais os veículos de mídia de massa tradicionais estão disponibilizando seus conteúdos em diversas plataformas, sejam oriundos do rádio, da televisão, ou dos jornais. Os próprios periódicos impressos passaram a povoar os sites de rede social também sob a forma de páginas interativas, no caso do Facebook. Além de proporcionarem um outro formato de exposição de notícias, utilizam-se das ferramentas de plataforma para interagir com os atores. Estes, por sua vez, podem participar sugerindo atualizações de dados, contribuindo para a apuração, espalhando a notícia através do compartilhamento em sua rede de contatos e entre outras ações, reforçando o poder da participação visto em Jenkins (2009) e Santaella:

Instauram, assim, uma cultura participativa, onde cada um conta e todos colaboram, portanto, uma cultura integrativa, assimilativa, cultura da convivência que evolui de acordo com as exigências impostas pelo uso dos participantes. É uma cultura em que seus membros creem que suas contribuições importam e desenvolvem determinado grau de conexão social com o outro [...]. (2013, p.117).

O fenômeno da convergência de mídias, aplicado à proposta de estudo desse trabalho, traz imbricado nele a própria cultura da participação porque o foco aqui é o espaço das redes sociais digitais. Especificamente nesse contexto, parece quase impossível falar de um conceito sem ser conduzido a uma conexão natural com o outro, pois as próprias relações propostas por esses sites são baseadas no elemento chave da interação - fundamento pressuposto também na convergência e na cultura participativa.

### **Politização ou polarização? A difusão e o debate sobre informações e notícias sobre política no Facebook**

As questões políticas no Brasil não geravam movimentações massivas da sociedade desde os movimentos das Diretas Já, em 1984 e Fora Collor, em 1992, conforme apontado em tópicos anteriores. As manifestações de junho de 2013 ocorridas, inicialmente, em função do reajuste das tarifas de transporte público - em face

às condições precárias desse sistema - não só expuseram essa problemática, mas também o distanciamento entre poder público e cidadãos e a falta de diálogo entre as partes, conforme Castells, “os profissionais da política [...], em sua diversidade, estão quase todos de acordo em que a política é coisa dos políticos, não dos cidadãos” (2013, p. 182). E deram início a “um novo canal de pressão sobre o Estado, fazendo as “redes” e as “ruas convergirem na publicização de demandas e de uma nova agenda pública no país” (RUEDIGER, 2014, p.208).

As investigações da Polícia Federal no decorrer da Operação Lava-Jato e suas apurações sinalizam que, conforme Thompson (2008), parte dos sujeitos que ocupam cargos de representação fizeram da política um meio de vida, agindo pouco e enfraquecendo a vontade dos cidadãos de participar dos processos políticos. Os desdobramentos e fatos acerca da repercussão desse grande processo são amplamente divulgados e acompanhados pela população através de todas as mídias, mas sobretudo pela internet.

Os sites de rede social são espaços de conexões e interações entre atores. Mas outro aspecto desse tipo de rede na internet é a “capacidade de difundir informações através das conexões existentes entre os atores. Essa capacidade alterou de forma significativa os fluxos de informação dentro da própria rede” (RECUERO, 2009, p.116). Em relação ao Facebook, se seus usuários transmitem informações, autorais ou não, através de suas ligações, elas tornam-se também uma forma de vínculo, revisitando o conceito de Wolton. Portanto, pode não haver comunicação propriamente dita nesse ato, apenas interação. No momento em que se desenvolve uma discussão através de determinada postagem, têm-se então o resultado de uma interação, podendo gerar processos de conflito, cooperação e competição, vistos anteriormente através do pensamento de Recuero.

O Facebook é o site de rede social na internet mais acessada no Brasil. O relatório da ComScore<sup>5</sup> de 2015, que visa apontar tendências sobre o futuro digital, revelou que o site possui mais de 58 milhões de visitantes únicos mensais, alcançando o total de 78% de usuários únicos no país. Ainda no mesmo levantamento, os brasileiros são os que mais gastam tempo navegando nas redes sociais digitais, totalizando cerca de 650 horas por mês. É natural que, à medida que a população passa mais tempo nessa

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://blog.aotopo.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Futuro-Digital-do-Brasil-em-Foco-2015-ComScore.pdf>>, ou mediante cadastro de e-mail corporativo em <<https://www.comscore.com/por/Imprensa-e-eventos/Apresentacoes-e-documentos/2015/Futuro-Digital-Global-em-Foco-2015>>.

plataforma, ela a utilize cada vez mais para não só entrar em contato com outras pessoas, mas, justamente para buscar, consumir e compartilhar informações. E diante da situação política atual de crise do país, essa temática circula cada vez mais entre pessoas, *fanpages* e grupos de usuários do site.

O Facebook, constituído de “atores sociais, com interesses, percepções, sentimentos e perspectivas” (RECUERO, 2009, p.117), cria espaços de troca, interação e constante apropriação de discursos alheios. Sendo assim, as informações de cunho noticioso difundidas pelos usuários na plataforma também refletem suas visões, desejos, opiniões ou, simplesmente, coisas que despertam curiosidade. O cenário político do país tem atraído muita atenção para esse campo, e despertou, mais uma vez, a vontade de mobilização social observada nos fatos de 2013 por Ruediger:

As manifestações de junho foram marcadas, no entanto, por outro elemento inédito no contexto brasileiro: o papel da internet como canal de difusão de informação e de mobilização social. Durante os protestos, as ações se davam simultaneamente nas redes e nas ruas: atos convocados pela internet reforçavam os movimentos das ruas, que, por sua vez, repercutiam nas redes como informação e por meio da convocação de novos atos, inaugurando um ciclo de mobilização social sem paralelo em volume e densidade. (2014, p.207).

A onda de manifestações de 2015 em apoio à abertura do processo de impedimento da presidente Dilma Rousseff encontra referências no modo de organização aplicado em 2013. Mas se difere em parte não só pela maior articulação, recursos e fluxo de informações em rede, mas pela polarização, confundida com politização, gerada tanto *online* quanto *offline*.

No ano de 2015, a versão brasileira digital do jornal espanhol El País, apresentou três grupos situados no Facebook como os responsáveis pelas grandes passeatas ocorridas no mesmo ano por todo território nacional: Vem pra Rua<sup>6</sup>, o Movimento Brasil Livre (MBL)<sup>7</sup> e o Revoltados Online<sup>8</sup>. Conforme o perfil traçado pela matéria, os coletivos são geridos por grupos de pessoas, alguns com um representante ou mais, e suas bandeiras diferem em alguns aspectos. Um dos pontos comum entre os três é o foco e a associação da corrupção no Brasil aos governos petistas.

<sup>6</sup> <https://www.facebook.com/VemPraRuaBrasil.org/?fref=ts>

<sup>7</sup> <https://www.facebook.com/mblivre/?fref=ts>

<sup>8</sup> [https://www.facebook.com/revoltadosonline/info/?entry\\_point=page\\_nav\\_about\\_item&tab=page\\_info](https://www.facebook.com/revoltadosonline/info/?entry_point=page_nav_about_item&tab=page_info). Antes da finalização desse artigo, a página foi bloqueada em 28 de agosto de 2016.

Esses grupos convocam seus simpatizantes *online* (pessoas curtem a página e seguem seus conteúdos) para movimentações *offline*, argumentadas pela constante publicação de notícias e informações oriundas das mais diversas fontes – algumas, inclusive, de conteúdo especulatório e veracidade não comprovada. Quem acompanha ativamente e replica o que é veiculado por esses grupos, denota uma postura política alinhada com os valores disseminados com os mesmos. Pode-se relacionar esse tipo de ato no Facebook como “adoção em cadeia de uma ideia ou produto”, uma apropriação de Recuero (2009) conforme citado por Rogers (1995); Gladwell (2002).

Figura 1: Publicação da *fanpage* Vem Pra Rua Brasil



Fonte: facebook.com

A linguagem utilizada na figura traz uma afirmação com tom especulativo, sem respaldo em nenhuma fonte de informação – seja oficial ou de veículo de imprensa. Além disso, a própria resposta da página, quando questionada, reitera o mesmo discurso do texto da publicação: um posicionamento não fundamentado. As interações com o conteúdo também reforçam o caráter falacioso, visto que, em sua maioria, caracterizam opiniões que expressam apenas aceitação e concordância com o texto. Outro destaque é a chamada para uma manifestação nacional, com data e, logo ao lado, a assinatura da página criadora do material. A união das informações – texto tendencioso, imagem do ex-presidente apontando para algo e convocação para mobilização contribuem para o fomento da incomunicação.

A projeção desses grupos e a capacidade de articulação elucidam, também, uma relação de poder, que contradiz a natureza de liberdade e individualismo proposta pelo site de rede social. Esse poder aplicado aos grupos organizados nas páginas do Facebook é descrito por Thompson como a “capacidade de agir para alcançar os próprios objetivos ou interesses, a capacidade de intervir no curso dos acontecimentos e em suas consequências” (2008, p.21). Exercido, conforme o autor, no uso dos recursos disponíveis (ferramentas de postagens, compartilhamento de informações e criação de eventos), para alcançar de forma efetiva seus objetivos e interesses – respectivamente, adesão e cooperação da população e posterior participação às mobilizações *offline*.

**Figura 2:** Publicação da *fanpage* Movimento Brasil Livre



Fonte: facebook.com

Mais uma vez, observa-se não só uma informação sem indicação de fonte, mas também uma convocação para mobilização, com indicação de endereço. Outro aspecto de importante na figura é o destaque das cores verde, amarelo e azul características da bandeira do Brasil – em segundo plano - causado pelo contraste da imagem de Dilma Rousseff em escala de cinza. O realce às cores da bandeira remete a um patriotismo outrora resgatado, também, no período do processo de impedimento do ex-presidente Fernando Collor de Mello.

A polarização se dá no momento em que não simpatizantes desses movimentos interagem nas informações publicadas por pessoas de sua rede digital e as opiniões se entrecrocaram, gerando o conflito e até ruptura de relações no ambiente digital pela

discordância. Os próprios algoritmos de recomendação do Facebook proporcionam o fomento dessa intolerância, pois recomendam conteúdos baseados nos rastros deixados pela frequência de acesso e interação com determinados conteúdos, perfis, páginas ou grupos. Esse processo acaba por gerar “bolhas de concordância e se silenciam os discursos contrários”, explica Recuero<sup>9</sup>.

O conceito de polarização, em oposição à politização, representa melhor as relações descritas porque a “política é projeto, é posição, é diálogo com o outro”, defende Pinto (2016)<sup>10</sup>, diferentemente do que se observa nas redes sociais digitais. A predominância do sentimento de ódio não permite enxergar debate e entendimento de outras correntes de pensamento, portanto, criando polos de julgamento por exclusão. Se não concorda com um uma ideia, automaticamente é partidário da outra. Utilizando as expressões cunhadas nesse ambiente, só há duas opções: ou é coxinha (conservador, inclinado à ideologia de direita), ou é petralha (simpatizantes do pensamento de esquerda)<sup>11</sup>.

Figura 3: Publicação da fanpage Vem Pra Rua Brasil



Fonte: facebook.com

<sup>9</sup> Fala da autora publicada em entrevista na versão digital do jornal Correio do Povo, em 16 de junho de 2016: “Especialistas analisam ódio em meio à polarização política”. Ver referências.

<sup>10</sup> Fala da cientista política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Céli Regina Jardim Pinto, publicada na mesma referência da nota anterior.

<sup>11</sup> Ver matéria de 12 de março de 2016, publicada na Zero Hora Online: “Radicalização marca debate entre petralhas e coxinhas nas redes”. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2016/03/radicalizacao-marca-debate-entre-petralhas-e-coxinhas-nas-redes-5109765.html>>. Ver referências.

A polarização na figura 3 ganha destaque evidente pelo contraste de cores. Quando as tonalidades da bandeira do País, sobretudo o verde, são colocadas em oposição ao vermelho, que representa a cor do Partido dos Trabalhadores, de Dilma Rousseff, a mensagem da divisão por polos fica clara, onde o primeiro representa, de acordo com a página, o bem, a esperança, o correto, atrelado à foto da jurista Janaina Paschoal, e o segundo, o problema, o mal, o inimigo a ser combatido, representado pela então presidente Dilma. Os comentários na postagem também reforçam esse sentido, com mensagens de apoio à advogada anteriormente citada, uma das autoras do pedido que desencadeou o processo de impeachment.

Essa redução das opiniões em duas correntes elimina a complexidade do processo de politização, e pode ser interpretada por Jenkins, em parte, produto de um mundo em que é possível escolher canais de comunicação de acordo com nossas próprias convicções e concepções políticas” (2009, p.318). A convergência, conceituada através da ideia do mesmo autor em tópico anterior, também legitima essa análise, pois os veículos de comunicação, em sua maioria, convergiram na internet, e seus produtos estão presentes nas redes sociais digitais – no caso, o Facebook.

**Figura 4:** Publicação da *fanpage* Movimento Brasil Livre



**Fonte:** facebook.com

O Movimento Brasil Livre tem um de seus idealizadores como colunista fixo do jornal Folha de São Paulo, e replica o conteúdo publicado no veículo na *fanpage* do movimento. A conquista de espaço em um jornal de grande circulação no País denota o

poder de influência e o alcance desse tipo de grupo dentro e fora do Facebook. A figura do colunista caracteriza-se por exprimir opinião sobre determinados assuntos ou fatos. Quando a visão do MBL alcança a mídia tradicional, a posição política do movimento todo ganha projeção ainda maior, ocupando mais um ambiente além do já vasto espaço online.

Devido ao grande fluxo de informações gerado por essas discussões de cunho político no referido site de rede social, é pertinente o resgate dos conceitos de Wolton, expostos no capítulo inicial deste artigo. Na rede, a informação é abundante e a comunicação é cada vez mais escassa. A primeira conecta os atores por seus interesses e posicionamento, mas a convivência das diferenças, suscitada pelo segundo conceito, é dificultada pela polarização. O resultado desse choque é a incomunicação e a necessidade de constantes negociações para que se consiga coexistir, tanto *on* quanto *offline*.

Seja através de textos, imagens, cores, opiniões ou até mesmo a mescla de todos esses elementos, a polarização é cada vez mais evidente. Nas páginas citadas nesse tópico, as informações compartilhadas, na sua grande maioria não são referenciadas por fontes de credibilidade, e acabam por sinalizar mais uma opinião do que dado a ser comunicado. A carga simbólica imbuída nas postagens e as interações oriundas das mesmas servem para o fomento das bolhas de concordância, que anulam os discursos opostos ao difundido nesses ambientes e acabam por limitar a discussão a uma visão. E, mesmo existindo o espaço para o debate, ele não se concretiza, não só pela falta de argumentação e informação verossímil, mas também pela falta de vontade de muitos usuários e simpatizantes desses movimentos de refletir e questionar de maneira mais ampla os pontos de vista e as próprias questões políticas através de uma perspectiva mais construtiva e aberta, e menos reducionista e categórico.

### **Considerações finais**

A comunicação mediada por computador permitiu que espaços como o Facebook ampliassem a interação entre indivíduos no ambiente *online* e a manutenção das relações *offline*. Quando a sociedade brasileira percebe o site como uma poderosa ferramenta de organização social e de difusão de informações - viabilizada pela da convergência midiática -, as manifestações públicas têm sua fórmula modificada.

As páginas de grupos organizados - Vem pra Rua e Movimento Brasil Livre - são exemplos dessas novas práticas de engajamento político. Independentemente do posicionamento político das mesmas, o fenômeno é relevante para a observação da polarização política gerada, tanto na web quanto fora dela. O choque de opiniões é potencializado pelas interações propostas pelo site de rede social e seus conteúdos, gerando cooperação – justificada pela própria existência dos grupos no Facebook – e frequentes conflitos. A polarização é, nesse sentido, um fenômeno de exemplo do que a incomunicação causa no ambiente do referido site de rede social quando se trata da temática da política no país.

A intolerância criada por todo esse cenário aponta para o que pode ser denominado como incomunicação. O excesso de informação ressalta, cada vez mais, a necessidade do resgate do diálogo. Se os espaços e a liberdade para se discutir existem, gerar mais conflito em polos de opinião acaba por desviar o foco das possibilidades que a cultura participativa das redes têm de motivar melhorias e união por uma democracia, de fato, representativa. O reducionismo, em todos os sentidos, diante uma sociedade cada vez mais conectada, denota o subaproveitamento das tecnologias e a negação da complexidade das questões sociais.

A leitura proposta por este artigo é uma reflexão inicial para esses fatos tão atuais e importantes para o Brasil, de ordem social, nos ambientes *on* e *offline*. A crise da democracia representativa aliada às ferramentas da comunicação mediada pelas tecnologias passa por muitos outros conceitos e teorias além dos expostos. O tema merece mais observação e atenção não só pela importância, mas pela transitoriedade e mutação de processos e práticas ocorridos via internet, ocasionados, principalmente, pelo caráter metamórfico das condutas dos atores em rede.

## Referências

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: Secom, 2014.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

ESPECIALISTAS analisam ódio em meio à polarização política. **Correio do Povo Online**. Porto Alegre. 14 jun 2016. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/impresao.Asp?Noticia=584517>>. Acesso em: 06 jul 2016.

JENKINS, H. **A cultura da convergência**. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2009.

RAMONET, I. **A explosão do jornalismo:** das mídias de massa à massa de mídias. Edição. Cidade: Publisher Brasil, 2012.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

RUEDIGER, M. A.; MARTINS, R.; LUZ, M. da; GRASSI, A. **Ação coletiva e polarização na sociedade em rede para uma teoria do conflito no Brasil contemporâneo.** Disponível em: <<http://dapp.fgv.br/wp-content/uploads/2015/12/Artigo-RBS.pdf>>. Acesso em: 06 jul 2016.

SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua:** repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SHIRKY, C. **A cultura da participação:** criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade:** uma teoria social da mídia. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

WOLTON, D. **Informar não é comunicar.** Porto Alegre: Sulina, 2011.